

Cresce número de mortes em emergência

Marizilda Cruppe/25-04-95

ELAINE RODRIGUES

Pessoas com doenças crônicas, como diabetes ou hipertensão, que poderiam viver muitos anos mais se tivessem tratamento adequado, estão engordando uma sinistra estatística do Hospital Miguel Couto: a de óbitos ocorridos nas primeiras 48 horas de internação. No primeiro semestre deste ano aumentou para 54% — contra 49% registrados no ano passado — o percentual de mortes ocorridas nesse período. Mais da metade tinha mais de 50 anos e a grande maioria, segundo o diretor do Miguel Couto, Paulo Pinheiro, chegou à emergência com poucas chances de sobreviver, tal a gravidade de seu estado:

— Não estamos mais dando conta. A emergência clínica, onde cabem dez macas, não fica um dia com menos de 25 pacientes. Na ortopedia, nunca temos menos de 15 pessoas, embora só haja lugar para seis macas — diz Paulo Pinheiro.

Os números reforçam a avaliação do diretor. De janeiro a junho, foram internados 6.005 pa-



Paulo Pinheiro, diretor do Miguel Couto: 'Não estamos mais dando conta'

cientes, o que dá uma média diária de 34 internações. Mantida esta taxa, o hospital terá internado, até o final do ano, 13% a mais do que em 1994, quando foram registradas 10.554 internações, numa média diária de 29 pacientes. O mesmo acontecerá

com o número de óbitos, que chegou a 6.005 neste primeiro semestre, contra 10.554 em 1994.

O envelhecimento da população, aliado à crise sócio-econômica, também está se refletindo no funcionamento do hospital, segundo Paulo Pinheiro. Por

causa do aumento do número de pacientes idosos, o tempo médio de internação está acima dos limites determinados pelo Ministério da Saúde — o que significa demora na liberação de um leito. No último fim de semana, havia 11 senhoras idosas internadas na emergência, cuja idade média era de 80 anos.

Na enfermaria de clínica médica, o tempo médio de internação tem sido de 16 dias, contra 6,5 dias preconizados pelo Ministério. Na quinta-feira, dos 48 leitos daquela enfermaria, dez estavam ocupados com pacientes internados há mais de 20 dias.

Na enfermaria de neurocirurgia, com 28 leitos, a situação não é melhor: o tempo médio de internação é de 21 dias, contra 5,8 preconizados pelo Ministério.

— Temos três pacientes que chegaram em coma e não falam até hoje. Alguns já foram liberados, mas simplesmente não têm para onde ir porque foram abandonados pela família. As casas de saúde de apoio não ajudam em nada, pois se recusam a receber pacientes com escaras ou paraplégicos, por exemplo — denunciou Paulo Pinheiro.

Médicos são vítimas de ameaças

A angústia de ver gente morrer, desnecessariamente, cedeu espaço à indignação. Obrigada a administrar uma crise provocada, em primeira instância, pela falência da rede pública de saúde em geral, a direção do Hospital Miguel Couto está se tornando alvo fácil de ameaças e insultos, numa situação que o diretor Paulo Pinheiro teme se tornar incontrolável.

— O despreparo do serviço público é flagrante: ninguém consegue marcar uma consulta num posto médico e sequer fazer exames. Antes, a gente recebia hipertensos passando mal, com as pernas tremendo, mas com

chances. Hoje, eles chegam no hospital com derrame, quase à morte. O problema é que os hospitais de emergência, que estão atendendo, acabam sendo alvo da revolta da população contra todo o sistema — disse.

Hoje, afirma Paulo Pinheiro, cerca de 80% dos diabéticos atendidos na emergência do Miguel Couto já tiveram um membro amputado. A maioria chega em coma, por não ter tomado insulina. Também já se tornou comum pacientes com hemorragias e obstruções intestinais devido a tumores cancerígenos não tratados.